

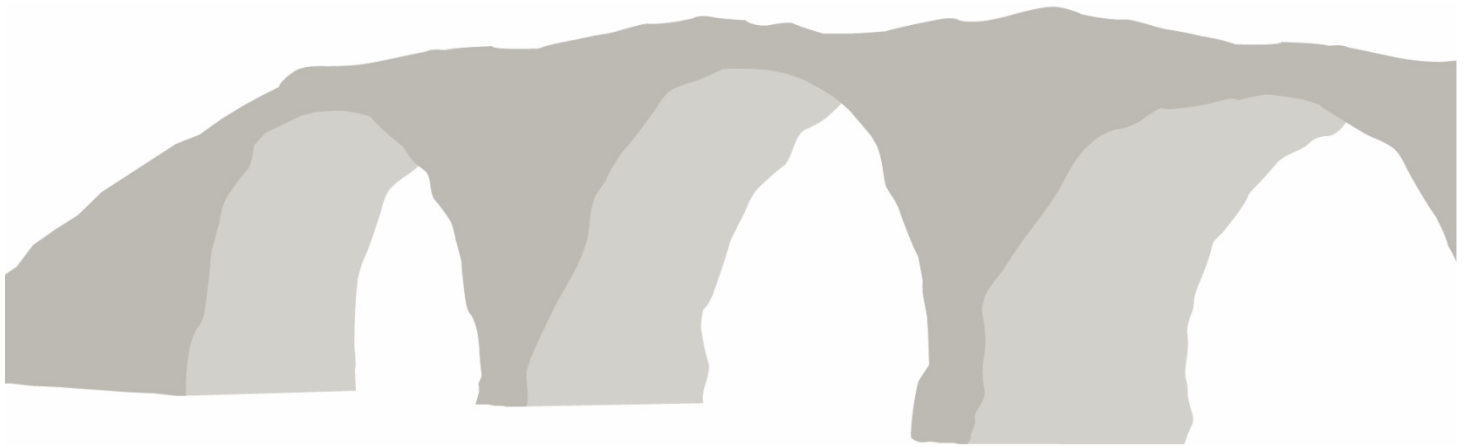
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 16 | Número 2 | Julho – Dezembro 2022
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

**TRABALHANDO SOB UMA ILUSÃO: ALINHANDO MÉTODO E TEORIA NA
ARQUEOLOGIA DA ESCRAVIDÃO DAS PLANTAÇÕES**

**TRABAJANDO BAJO UNA ILUSIÓN: ALINEANDO EL MÉTODO Y LA
TEORÍA EN LA ARQUEOLOGÍA DE LA ESCLAVITUD EN LAS
PLANTACIONES**

**LABORING UNDER AN ILLUSION: ALIGNING METHOD AND THEORY IN
THE ARCHAEOLOGY OF PLANTATION SLAVERY**

Anna Agbe-Davies



Publicação original:

Agbe-Davies, A. (2018). Laboring under an illusion: aligning method and theory in the archaeology of plantation slavery. Historical Archaeology, 52(1): 125-139. Esse texto foi originalmente publicado na revista Historical Archaeology, da Editora Springer, 2018. O artigo foi publicado neste volume com autorização da autora e da editora Springer.

Tradução: Sarah de Barros Viana Hissa

TRABALHANDO SOB UMA ILUSÃO: ALINHANDO MÉTODO E TEORIA NA ARQUEOLOGIA DA ESCRAVIDÃO DAS PLANTAÇÕES¹

TRABAJANDO BAJO UNA ILUSIÓN: ALINEANDO EL MÉTODO Y LA TEORÍA EN LA ARQUEOLOGÍA DE LA ESCLAVITUD EN LAS PLANTACIONES

LABORING UNDER AN ILLUSION: ALIGNING METHOD AND THEORY IN THE ARCHAEOLOGY OF PLANTATION SLAVERY

Anna Agbe-Davies²

RESUMO

Um rico corpo de pensamento – desenvolvido por arqueólogos e outros – aponta o caminho para a compreensão dinâmica de quem são os humanos, mas, ainda assim, a arqueologia luta para ser mais do que uma serva. Indiscutivelmente, o problema é mais de método do que de teoria: o que conta como dados, como nós arqueólogos categorizamos as coisas e quais são os nossos problemas. Este artigo examina as relações de trabalho no início da colônia da Virgínia por meio de cachimbos de barro. Esses artefatos, muitas vezes tratados como emblemas de identidade étnica, são aqui usados para entender uma sociedade no processo de transformar suas pluralidades nas categorias que tomamos como certas.

Palavras-chave: escravidão, pragmatismo, Chesapeake, Tabaco cachimbo, método, raça.

¹ Tradução: Sarah de Barros Viana Hissa – Pós-doutoranda no Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFMG (Bolsa CNPq/PDJ Processo nº 163525/2020-0). Doutora pelo Museu Nacional da UFRJ, bolsa FAPERJ. Pós-doutorado concluído (UFMG; Bolsa CNPq/PDJ Processo nº 157943/2018-6). <http://orcid.org/0000-0003-1623-8737>; <https://ufrj.academia.edu/SarahHissa>; <http://lattes.cnpq.br/1877519135549670>; https://www.instagram.com/cachimbos_arqueologicos_brasil

² Anna Agbe-Davies obteve seu doutorado pela University of Pennsylvania, com tese sobre cachimbos de fatura local, identificados em sítios rurais e urbanos nas cercanias de Jamestown, na Virgínia. Atualmente é professora associada do Departamento de Antropologia da Universidade da Carolina do Norte, EUA. Tem diversas publicações sobre arqueologia histórica, análise de material histórico, arqueologia da diáspora africana e especificamente sobre análise arqueológica de cachimbos de barro.

RESUMEN

Un rico cuerpo de conocimiento – desarrollado por arqueólogos y otros – señala el camino hacia comprensiones dinámicas de quiénes son los humanos, sin embargo, la arqueología lucha por ser más que una sierva. Puede decirse que el problema es uno de método más que de teoría: lo que cuenta como datos, cómo los arqueólogos categorizamos las cosas, y cuáles son nuestros problemas. El presente documento examina las relaciones laborales en la temprana colonia de Virginia a través de las pipas de arcilla para tabaco hechas localmente. Estos objetos, a menudo tratados como emblemas de la identidad étnica, se utilizan aquí para comprender a una sociedad en el proceso de transformar sus pluralidades en las categorías que damos por hecho.

Palabras clave: esclavitud, pragmatismo, Chesapeake, tabaco de pipa, método, raza.

ABSTRACT

A rich body of thought – developed by archaeologists and others – points the way toward dynamic understandings of who humans are, yet archaeology struggles to be more than a handmaiden. Arguably, the problem is one of method rather than theory: what counts as data, how we archaeologists categorize things, and what our problems are. This paper examines labor relations in the early Virginia colony via locally made clay tobacco pipes. These artifacts, often treated as emblems of ethnic identity, are here used to understand a society in the process of transforming its pluralities into the categories that we take for granted.

Keywords: slavery, pragmatism, Chesapeake, tobacco pipe, method, race.

INTRODUÇÃO

Na medida em que abrange a escravidão, uma proporção significativa da arqueologia da diáspora africana discorre sobre trabalho. O projeto do escravizador não era necessariamente de dominação – cultural ou não – por si só, mas para roubar trabalho. Quando nós arqueólogos examinamos esse mundo, então, nosso projeto não é simplesmente sobre identidade (cultural) (“quem” eram as pessoas em determinado sítio, produzindo dada cultura material), mas sobre as relações sociais (a dinâmica de interação, as estruturas que fornecem contexto e assim por diante). A arqueologia como disciplina desenvolveu – em conjunto com muitos outros campos aliados – uma rica literatura teórica que rejeita enfaticamente a fusão entre “panelas” e “pessoas”, bem como a aceitação simplista de marcadores materiais da diferença; para críticas, consulte Edwards (1995) e Cruz (2011). Nossa teoria não atribui mais padrões arqueológicos a qualidades essenciais e imutáveis de pessoas ou grupos. No entanto, parece que continuamos a recorrer ao mesmo conjunto de técnicas analíticas e quadros metodológicos como se nosso pensamento teórico não tivesse mudado em nada, como se culturas fossem entidades ao invés de relações.

Eu uso as ideias do pragmatismo para pensar como arqueólogos fecham a lacuna entre teorias, métodos e técnicas da arqueologia contemporânea. Kluckhohn delineou as distinções entre esses conceitos no sentido que eu os pretendo aqui:

Theory refers to the conceptual framework of a single discipline; the category method refers to the sheer analysis and ordering of data (as opposed to the formulation of abstract concepts in terms of which such ordering is carried on). ... Technique is distinguishable from method only in so far as method involves the interrelations and consistency of a number of techniques. For example archaeological method encompasses a number of techniques such as surveying, photographing, field cataloging and the like. (Kluckhohn 1940, p. 43–44)

A teoria na arqueologia abrange conceitos como etnogênese, práxis e interseccionalidade. Pode assumir uma postura crítica ou pós-colonial. Até mesmo os documentários científicos convencionais se juntaram ao coro de vozes que declaram que a raça é “uma ilusão” (California Newsreel, 2003). É importante que os arqueólogos considerem quais mudanças de método essas novas ideias podem exigir.

Com métodos inspirados e incentivados pelo pragmatismo, nós arqueólogos podemos pensar sobre o nexo do trabalho e da sociedade de maneiras novas e frutíferas, com ênfase nos resultados e não na intenção. Coletivamente, podemos alcançar maior paridade entre nossos conjuntos de dados materiais e de arquivo. E o pragmatismo oferece uma nova perspectiva sobre formas de fazer ciência que corrigem um possível desequilíbrio em nossa abordagem atual. Este artigo destaca aspectos do pensamento pragmatista que reforçam nossa capacidade metodológica para lidar com um registro arqueológico polissêmico sem recorrer a argumentos que contrariem nossos referenciais teóricos. Uma abordagem pragmatista da arqueologia busca novos problemas, considera significados tanto indexicais quanto simbólicos, confere à indução um papel significativo no raciocínio científico e considera as consequências tanto de ações passadas quanto de nossa própria prática. Tudo isso enriquece e é enriquecido pelo foco no trabalho e na diferença em contextos plurais.

Aqui, ênfase a arqueologia da escravidão não apenas pelo meu interesse pelo assunto, mas também porque acredito que esse é um locus especialmente frutífero para interrogar noções não examinadas de diferença e de significado. A arqueologia da escravidão e sua prima próxima, a arqueologia da diáspora africana,

são, por definição, realizadas no que o organizador desta edição enquadrou como contextos plurais (Phillipi, esta edição³). A linguagem dos contextos plurais permite que se permaneça – temporariamente – agnóstico sobre a natureza ou o significado das diferenças entre os indivíduos e grupos que caracterizam uma unidade social maior. A pluralidade – o estado de ter muitos tipos de pessoas em um grupo social – não pressupõe, explica, exige ou causa desigualdade. É, no entanto, um pré-requisito para a desigualdade. O pluralismo, enquanto ideologia (“o dado, o óbvio... nossas ideias sobre as coisas tidas como naturais” (Leone, 2005, p. 24), é uma noção de que existem diferenças sociais que são então usadas para enquadrar e reforçar explorações – escravidão, por exemplo.

Como Kent Lightfoot observa: “lugares pluralistas” são a ferramenta de trabalho⁴ da arqueologia histórica. Mas ele também aponta que os estudos sobre tais lugares muitas vezes dependem de categorias bem definidas e de “lugares onde separados bairros indígenas ou bairros de escravizados” possam ser identificados (Lightfoot, 2015, p. 9216, 9217). O que o conceito de pluralidade faz é fornecer uma estrutura para entender o fato de que, embora contextos *arqueológicos* individuais (como características, habitações ou comunidades) possam ter sido nominalmente homogêneos, eles foram produzidos em um contexto social organizado por ideologias da diferença. A crescente segregação espacial das *plantations* na Virgínia do século XVII marca um esforço para estabelecer distinções entre as pessoas, em vez de um impulso para combinar iguais com iguais. As categorias sociais daquele tempo e lugar – cristão, negro, servo e fazendeiro – eram instrumentos de divisão, não de solidariedade. E, além disso, eram ferramentas para mediar uma paisagem social profundamente plural.

Nas colônias da região de Chesapeake no século XVII, onde floresceu a tradição de cachimbos locais, a sociedade estava em fluxo. Os virginianos haviam se engajado no comércio internacional de trabalho forçado desde o início. Algumas pessoas foram tidas como propriedade por um período, outras, por toda a vida junto com as gerações futuras. A distinção dependia em grande parte de uma ideia nascente de raça na colônia. Essa estratégia de reconhecimento dos vestígios e formas da diferença é um esforço para entender o registro arqueológico.

Se a cultura ainda fosse pensada da maneira antiga e a diferença cultural, como produto do isolamento e não da interação, então faria sentido para nós, arqueólogos, tentar identificar padrões ou marcadores nos chamados contextos sociais isolados, em parte para que eles possam ser usados para separar outros contextos plurais em suas partes constituintes menores (homogêneas). Mas essas partes constituintes menores realmente não existiam, ou, se existiram, são muito menos importantes para nós do que os contextos arqueológicos aos quais temos acesso.

Uma arqueologia que queira entender a *diasporanidade africana*⁵ como uma qualidade, ao invés de uma relação ou um processo, precisaria estabelecer a relação entre as características dos artefatos e as características das pessoas que os fizeram, usaram e descartaram. Daí a busca por contextos puros. Acho que as ideias de pragmatismo atuam como um contrapeso aos sulcos mais familiares e confortáveis da tradição (Agbe-Davies, 2017).

Como descreverei aqui, o pragmatismo ajuda os arqueólogos a lidar com uma pluralidade que nem sempre se manifesta como espaços nitidamente segregados e categorias sociais firmemente estabelecidas. Uma das

³ Nota da tradutora: Refere-se à edição de *Historical Archaeology*, 52(1), de 2018.

⁴ Nota da tradutora: No original, a autora utilizou a expressão “stock-in-trade”.

⁵ Nota da tradutora: No inglês, lê-se: “African diaspora-ness”. Itálico meu.

razões pelas quais o pragmatismo é importante para este trabalho é que ele se preocupa menos com o significado semântico (comparações entre abstrações ou uma relação diádica entre um signo e seu objeto) do que com significados pragmáticos (consequências no mundo). O filósofo e polímata pragmatista C. S. Peirce atingiu isso, em parte, convertendo a díade em uma tríade que inclui “Signo”, “Objeto” e “Interpretante”. Seu modelo incluía não apenas o signo e seu referente, mas também o efeito do signo no mundo (Peirce, 1994a; Preucel, 2006; Bauer, 2014; Agbe-Davies, 2016).

Tradição filosófica americana que surgiu no século XIX, o pragmatismo está desfrutando de uma espécie de renascimento e teve um impacto notável no pensamento arqueológico nos últimos anos. Pode ser uma ferramenta para pensar, por exemplo, sobre as consequências da arqueologia para as pessoas vivas, as aplicações práticas do conhecimento arqueológico e o arqueólogo como um *bricoleur*, entre outras coisas (Gaffney & Gaffney, 1987; Reid & Whittlesey, 1998:276; Jeppson, 2001; McDavid, 2002; Saitta, 2003; Preucel & Mrozowski, 2010; Mrozowski, 2012). O que enfatizo aqui é o pragmatismo como orientação para o conhecimento, como um *método* para os arqueólogos. McDavid explica como seriam esses métodos em relação ao design e à implementação de projetos públicos de arqueologia:

The pragmatic move demands that we accept the risk of uncertainty and maintains that we cannot wait to talk about painful issues until we are certain that we are not being racist, classist, or otherwise oppressive. It asserts that truths will emerge within the process of looking for them. (McDavid, 2007, p. 69)

O pragmatismo oferece algumas ferramentas interessantes que um arqueólogo pode usar para pensar sobre o trabalho e as relações sociais em contextos plurais. Este artigo ilustra a aplicação dessas ferramentas com exemplos, usando uma classe de artefatos arquetipicamente marcada: cachimbos de barro feitos em Chesapeake, tema a partir do qual os arqueólogos costumavam gastar tanto tempo falando sobre “raça” e tão pouco sobre “trabalho”.

ESTUDO DE CASO

Os cachimbos feitos localmente na Chesapeake colonial têm sido objeto de extensa discussão sobre seus fabricantes e as origens desses fabricantes (para uma revisão completa, ver Agbe-Davies [2015]). J. C. Harrington em “Tobacco Pipes from Jamestown” sugeriu que esses artefatos do século XVII podem ter sido feitos por “homens brancos” usando técnicas “indígenas” (Harrington, 1951). Vários de seus contemporâneos enfatizaram a semelhança dos cachimbos com exemplos feitos por nativos norte-americanos antes da colonização europeia (McCrery, 1968; MacCord, 1969). Matthew Emerson introduziu a possibilidade de que os cachimbos tivessem motivos decorativos encontrados nas sociedades da África Ocidental (Emerson 1988, 1999). A vigorosa rejeição dessa tese, por exemplo em Magoon (1999) e Mouer *et al.* (1999), mostra o quão profundamente importante a questão de quem fez os cachimbos (e quais dimensões de “quem”) permanece para o projeto arqueológico. Alguns estudos reuniram a questão da afiliação étnica dos fabricantes de cachimbos, por exemplo, Henry (1979), Neiman & King (1999), e Luckenbach *et al.* (2002). Outros trabalhos recentes procuraram explicar como esses artefatos poderão ter funcionado, não isoladamente, como resquícios de práticas anteriores, mas como ferramentas para se envolver com um cenário colonial plural e profundamente

hierárquico (Monroe, 2002; Sikes, 2008; Bollwerk, 2012). O presente artigo não é um argumento sobre os cachimbos, mas sim um argumento sobre método arqueológico usando um estudo existente de cachimbos para fins ilustrativos. Os leitores interessados em como o projeto maior se relaciona com os outros estudos devem consultar Agbe-Davies (2015).

Muitas das discussões sobre quem fez os cachimbos – para quem eles tinham significado – enfatizavam a variação formal e a decoração da superfície desses artefatos, questões que muitos chamariam de “estilo”. O significado dos cachimbos, então, era uma função da associação histórica, arbitrária – até mesmo semelhante a leis – entre cachimbos e estilos (sinais) com ideias abstratas (objetos) dentro de um sistema particular de significados. Em outras palavras, eles eram/são símbolos, em oposição a ícones ou índices, conforme discutido na seção “Indexicalidade” a seguir (Peirce, 1994a). As ferramentas e a terminologia para pensar tais significados vêm da semiótica de Peirce. Sua ciência dos signos é um aspecto único da estrutura filosófica mais ampla do pragmatismo, que Peirce pode ou não ter fundado⁶.

Entre as contribuições do pragmatismo para a arqueologia está um método de aplicação de técnicas para resolver problemas que os modelos teóricos dos arqueólogos colocam. As técnicas da arqueologia avançaram consideravelmente desde Kluckhohn. As técnicas de campo e de laboratório foram revolucionadas por desenvolvimentos em ciências aliadas, por abordagens contextuais cada vez mais sutis e pela capacidade dos computadores em armazenar, recuperar e analisar dados. Da mesma forma, o conjunto de ferramentas teóricas a partir do qual o comportamento social humano é abordado foi enriquecido por *insights* de campos como a teoria crítica, o feminismo e a teoria evolutiva. Os arqueólogos da diáspora africana, em particular, encontraram inspiração em conceitos como interseccionalidade, agência, práxis, *habitus* e lugar, entre outros. O que às vezes falta é esse elemento de ligação, o método, a perspectiva que nós arqueólogos trazemos para a pesquisa, a maneira como entendemos o registro arqueológico – como decidimos de que os dados são constituídos.

PROBLEMAS

Retorno frequentemente a uma observação que Peirce (1994e, p. 259) fez em uma carta a William James: “O pragmatismo não resolve nenhum problema real. Ele só mostra que os supostos problemas não são problemas reais”. Nós arqueólogos que estudamos a diáspora africana podemos optar por investigar o que tornou as culturas afro-americanas distintas ou as origens das práticas que deixaram vestígios no registro material. Mas esses são nossos melhores ou únicos problemas? Nossa teoria reconhece que as identidades são produzidas e contextuais, mas nosso método é baseado em histórias de diferença essencial. Reconhecer que as pessoas viveram e trabalharam em contextos plurais exige e facilita uma nova abordagem metodológica.

⁶ O termo “pragmatismo” vem do colega de Peirce, William James, que credita Peirce como sua inspiração (James, 1907). Peirce ficou cada vez mais desencantado com as aplicações de suas ideias e tentou renomear sua abordagem como “pragmaticismo”, uma palavra que ele esperava ser “feia o suficiente para estar a salvo de sequestradores” (Peirce, 1994d, p. 414).

O método habitual de buscar identificar especificidades ou origens necessita de contextos isolados e tradições aparentadas. Trata contextos plurais como a soma de suas partes, apesar de muitos arqueólogos trabalharem com uma versão da ideia de Fredrik Barth, na qual grupos étnicos são entendidos como produtos de *interação* em vez de isolamento (Barth, 1969). A consequência lógica da formulação de Barth é que os contextos plurais são o próprio lugar para procurar por etnicidade como um processo. Ideias semelhantes às de Barth são encontradas na análise clássica de H. Martin Wobst (1977) sobre traje étnico. As armadilhas da etnicidade são mais significativas em ambientes em que a diferença está sendo produzida e mantida.

Nós arqueólogos poderíamos continuar a nos perguntar: “A que grupos (étnicos) essas pessoas pertenciam?” ou “Quais são as origens de suas práticas?” Mas um método pragmático ordena técnicas arqueológicas para responder a perguntas como: “Como era o contexto da interação?” e “O que essas pessoas estavam tentando fazer?” e “Como podemos usar esse conhecimento do passado para agir agora?”. Assim, para o pragmatista, o problema não é de tradição ou de continuidade, mas de propósito. Não é de onde vieram os motivos decorativos ou qual era a etnia/raça de um fabricante/fumante, mas como a fabricação de cachimbos (quem controlava o processo) e o uso (como as pessoas passaram a possuir os cachimbos que faziam) estão relacionados a questões de poder, especialmente o poder de controlar o trabalho. Se estamos interessados em explorar as relações sociais com os cachimbos em vez de identidades sociais, então é mais importante – ou, pelo menos, tão importante quanto – examinar os contextos nos quais esses objetos podem ter sido feitos, ao invés dos lugares onde podemos definir a composição da força de trabalho das plantações (Tabela 1).

Tabela 1: Coleções de cachimbos incluídos no presente estudo

Nome do sítio	Quantidade de fragmentos de cachimbo	Feições incluídas / Funções inferidas	Intervalo cronológico
Green Spring	601	Casa senhorial, anexos, forno	c. 1643–1700
Drummond	862	Adega anexa, forno, serraria, possível banheiro	c. 1650–1680
Rich Neck	1543	Jazida ⁷ /lago	c. 1665–1704
Page	160	Casa senhorial, anexos, forno para tijolos, jazida	c. 1662–1720
Por Anne	517	Jazida	c. 1650–1700
Estrutura 26/27	108	Armazém, forno para cerâmica	c. 1650–1700
Estrutura 127	83	Forno do tipo <i>brick clamp</i> para tijolos	c. 1620–1680
Estrutura 100	233	Muro de arrimo	c. 1640–1680

⁷ Nota da tradutora: no original, *borrow pit*.

Nome do sítio	Quantidade de fragmentos de cachimbo	Feições incluídas / Funções inferidas	Intervalo cronológico
Estrutura 19	221	Taverna (?), habitação (?)	c. 1650–1710
Estrutura 112	266	Habitação/Casa governamental ⁸	c. 1620–1690
Estrutura 144	378	Habitação/Casa governamental	c. 1664–1698

O registro escrito é claro: as plantações eram espaços plurais. As elites coloniais não poderiam ter construído suas fortunas na Virgínia sem trabalhadores em servidão – pessoas vinculadas por um período determinado ou (como frequentemente registrado em textos de época) “para sempre”. Richard Kemp montou sua plantação em Rich Neck com direitos sobre pessoas como “Henry Fenton, Thomas Cooke, Robert Sumers, John How, George Harrison, Francisco, Mingo, Maria, Mathew, Peter, Cosse, velho Gereene, Bass, jovem Peter, Paule, [e] Emmanuell, negros” (Nugent, 1934, p. 104). John Page “morreu em posse de” um número não especificado de “negros ou escravos” (Dorman, 1976, p. 62), mas também era um ávido usuário de trabalhadores contratados, que, pelos seus nomes, parecem ter chegado da Inglaterra ou de outros lugares nas Ilhas Britânicas, bem como um “menino indiano chamado Jacke” de sete anos (York County Deeds, Orders, Wills 1633–1815, p. 4.154,157,279,5.27). Philip Ludwell, um proprietário posterior da Rich Neck, contestou os termos da escravidão de Robin Santy (McCartney & Walsh, 2000, p. 71), sem dúvida confiando no fato da herança africana de Santy para reter a liberdade.

As fazendas desses homens em Middle Plantation (agora Williamsburg, Virgínia) eram habitadas por pessoas com origens muito diferentes – contextos plurais por excelência. Ao contrário dos séculos posteriores, a organização espacial dessa diferença não é totalmente clara. Esse fato impede os arqueólogos de encontrarem significados nos cachimbos que esses trabalhadores fumavam e, em alguns casos, fabricavam? A análise de distribuição – dentro dos complexos de plantações – mostra cachimbos feitos em Chesapeake em espaços associados aos escravizados em vez dos proprietários (Neiman & King, 1999). A análise do estilo tecnológico e decorativo dos cachimbos – entre as plantações – sugere que as elites, apesar de sua dominação sobre outros setores econômicos, tinham pouco poder sobre o comércio de cachimbos (Agbe-Davies, 2004, 2010, 2015).

As plantações individuais e a própria colônia eram contextos plurais, mas esse fato não impede os arqueólogos de dizer coisas significativas sobre esses artefatos intrigantes. A solução não é uma melhor precisão ou resolução sobre quem habitou esses espaços, ou vínculos irrefutáveis com uma ou outra tradição artística, mas a identificação de novos problemas. William James viu o método pragmático como “principalmente um método de resolver disputas metafísicas que de outra forma poderiam ser intermináveis” (James, 1907, p. 45), como de fato a disputa sobre a etnia ou raça de fabricantes de cachimbos e fumantes locais pode ser caracterizada.

Novos problemas significam que nós arqueólogos provavelmente precisamos coletar novos dados. Claramente, os conceitos teóricos atuais encerraram a interpretação na qual “um artefato portador de dado estilo [de grupo étnico] = pessoas [desse grupo étnico]”. Os motivos decorativos dos cachimbos, por serem

⁸ Nota da tradutora: no original, *Statehouse*.

socialmente aprendidos, podem ser veículos de tradição; eles também são polivalentes (Monroe, 2002; Sikes, 2008), significando muitas coisas para muitos espectadores. Assim, a simples presença de um motivo é insuficiente para demonstrar o envolvimento de qualquer grupo particular na formação do registro arqueológico. Se tomarmos como nosso problema o que esses motivos decorativos indicam (o que eles indexam), em vez do que os motivos significam em um sentido simbólico (ou ainda mais tênue, de que sistema simbólico eles podem fazer parte), podemos ver, por exemplo, a produção de cachimbos decorados de forma semelhante com tecnologias amplamente variadas (Agbe-Davies, 2015, p. 50-55), sugerindo que os fabricantes de cachimbos estavam familiarizados com o trabalho uns dos outros, mas trabalhando em condições diferentes com diferentes matérias-primas e equipamentos. Cachimbos que à primeira vista parecem ser “o mesmo”, na verdade, têm biografias culturais muito diferentes (Kopytoff, 1986), assim como seus fabricantes e fumantes. Dando atenção ao trabalho de fazer os cachimbos e de colocá-los para circular, bem como a partir de um método de refletir sobre eles, os significados das decorações podem ficar mais claros. E se, por exemplo, quiséssemos saber o que os cachimbos revelam sobre o poder nesses contextos plurais, podemos perceber que é mais importante conhecer a distribuição, proporção e forma de renderização dos motivos decorativos do que saber sobre sua presença ou ausência.

Além disso, para esses novos problemas, é mais importante examinar as características tecnológicas e métricas dos cachimbos do que os motivos decorativos. Novamente, o pragmatismo é uma perspectiva que pergunta *qual é o problema?* Se o problema dos cachimbos é como as pessoas os fabricam e os circulam, então um foco exclusivo no estilo decorativo só levará os arqueólogos até certo ponto. Os atributos tecnológicos permitem identificar tecnologias e ferramentas, como moldes e “motores de cachimbos”, bem como técnicas, tais como polimento *versus* alisamento. Eles ainda ajudam a identificar ferramentas para criar motivos decorativos. As marcas feitas por essas ferramentas – porque são índices (veja a seção “Indexicalidade” a seguir) de ação em vez de símbolos imitados consciente ou inconscientemente – rastreiam mais diretamente processos específicos de fabricação, sejam eles indicando um indivíduo, seja uma oficina. Traços métricos, que atingem fabricantes individuais e kits de ferramentas específicos (Alvey *et al.*, 1985; Eerkens & Bettinger, 2001; Agbe-Davies, 2015, p. 94-97, 103-104, 136), ajudam a identificar “quem” estava fazendo os cachimbos – em termos de “qual pessoa ou grupo de colaboradores” – em vez de “membros de qual grupo étnico ou racial”. O foco em atributos tecnológicos e métricos, além disso, permite analisar amostras maiores e estatisticamente mais robustas do que aquelas que requerem decoração – que ocorrem em menos de um quarto dos quase 5.000 fragmentos em uma amostra de cachimbos locais (Tabela 1). O tamanho da amostra é um problema significativo se atributos decorativos são usados para identificar tipos de artefatos em vez de *modos* (para *modos*, veja Rouse [1939, 1971]; para a aplicação em cachimbos, veja Agbe-Davies [2015, p. 43–45, 54– 56]).

O que as análises esboçadas aqui têm em comum é a premissa de que há muitos tipos de problemas a serem enfrentados com o registro arqueológico. Além disso, esses problemas impulsionam as técnicas e não o contrário. Nós, arqueólogos, avançamos o conhecimento identificando novos problemas para resolver tão seguramente quanto refinamos ou adaptamos nossas abordagens aos antigos.

INDEXICALIDADE

A estratégia de Peirce para pensar os signos inclui uma divisão de três vias entre ícones, índices e símbolos (Peirce, 1994a). Um ícone é um signo que se relaciona com seu objeto por semelhança. Por exemplo, um ☺ significa conceitos, como amizade ou felicidade, porque se assemelha a um rosto sorridente (e, portanto, amigável ou feliz). Um símbolo está relacionado ao seu objeto por lei ou convenção. Por exemplo, não há relação necessária ou natural entre o enunciado “árvore” e uma planta lenhosa alta. Em outras línguas, esse mesmo objeto é representado por “árbol”, “igi” ou “strom”. Um índice, no entanto, está relacionado ao seu objeto por copresença ou efeito. Por exemplo, a carbonização no interior de uma tigela de cachimbo é provavelmente um sinal de que ela foi fumada.

Agora, pense em um cachimbo como um sinal. Na medida em que ele pode significar “africanidade” ou “indigeneidade” (ou “inglesidade”, nesse caso), essa significação é simbólica e está ocorrendo em nosso próprio tempo. Pode ter ocorrido no passado também, mas são necessárias evidências adicionais ao lado do próprio símbolo para estabelecer esse fato (Fig. 1). Fazer o contrário viola as teorias usadas para entender a transmissão da cultura, a construção social da identidade etc. Os arqueólogos sabem que uma relação essencial, do tipo um-para-um, entre as pessoas e a cultura material, explícita ou implicitamente, não pode ser confiável. Parafraseando Cruz, “cachimbos são cachimbos, não pessoas”. Além disso, é difícil imaginar uma prova arqueológica realista de argumentos sobre quais pessoas fizeram ou usaram cachimbos locais, a julgar pelos dados com os quais os arqueólogos precisam trabalhar. No entanto, como acabamos de ver, os arqueólogos não se limitam a tais argumentos.

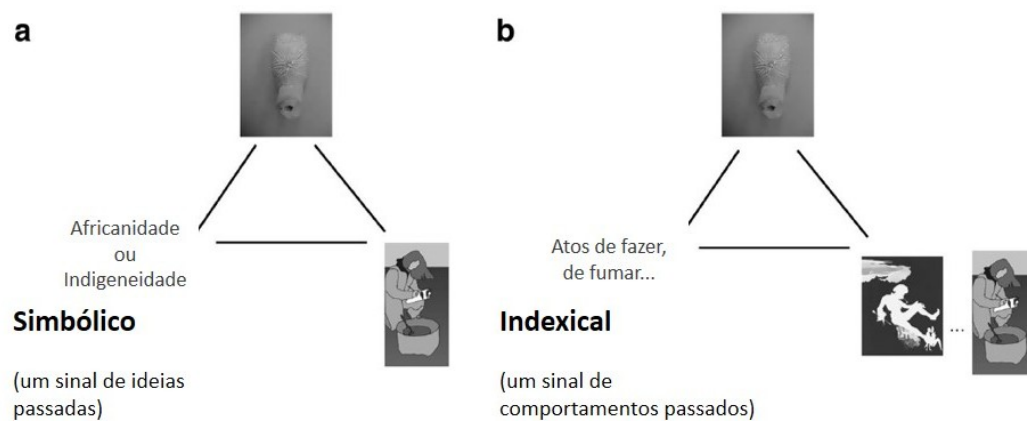


Figura 1. Símbolos e índices são diferentes tipos de signos (ápice do triângulo), com diferentes relações com seus objetos (canto inferior esquerdo) e com seus interpretantes (canto inferior direito): (a) é um modelo do debate sobre o grau em que as decorações em cachimbos locais lembram repertórios nativos americanos ou africanos; e (b) é um modelo do que um cachimbo pode significar, seja para uma pessoa do passado seja para um arqueólogo (Artwork, Untitled 2009, papel recortado e colagem sobre papel, por Kara Walker; cortesia de Sikkema Jenkins & Co., New York, New York; figura da autora, 2016).

As escolhas conscientes, como o conteúdo simbólico das decorações, teriam significados semânticos, como os identificados por Emerson (1999), Mouer *et al.* (1999) e Monroe (2002). Mas as escolhas inconscientes – o que James Sackett chamou de “variação isocréstica” (Sackett, 1990) – com conteúdo indexical

têm significados pragmáticos. Em *How to Do Things with Words* (Austin, 1962), o linguista J. L. Austin explorou as maneiras pelas quais os enunciados agem no mundo, em vez de apenas apontar para ele ou representá-lo. A pragmática linguística de Austin explorou os significados das declarações em termos do que os falantes estavam fazendo com seus enunciados, além do conteúdo semântico de seu discurso. Algumas palavras e enunciados significam alguma coisa, sim, mas também fazem alguma coisa – batizar um navio, por exemplo (Austin, 1962, p.116). Meu ponto é que os arqueólogos estão bem posicionados para descobrir como as pessoas no passado faziam coisas com coisas, provavelmente, mais do que para descobrir como as pessoas podem ter dito coisas com as coisas.

Em vez de se preocupar com o modo que alguém pode estar usando os cachimbos para tentar se comunicar (incluindo informações sobre identidade), os arqueólogos podem pensar sobre o que a pessoa pode estar tentando *fazer* com eles. Os arqueólogos são bons neste último, porque pelo menos alguns dos significados de um ato (que, sem dúvida, é um tipo de “enunciado”) derivam de seu contexto. Nesse caso, o contexto é um padrão arqueológico de diversidade dentro dos conjuntos de cachimbos dos sítios, especialmente uma diversidade tecnológica que representa não tentativa e erro, mas as mãos de muitos fabricantes de cachimbos bem equipados e experientes entre os cachimbos recuperados de uma única plantação (Agbe-Davis, 2004, 2015).

Considere apenas os locais com fornos totalmente escavados: Page, Green Spring e as estruturas 26/27 e 127 de Jamestown. Cada uma das feições é um forno padrão do século XVII: um para cerâmica, outro para cerâmica e telha e dois fornos para tijolos. Os cachimbos provenientes de Page e da estrutura 127 de Jamestown – os fornos de tijolos – têm uma aparência coerente, mas, do ponto de vista técnico, são relativamente não padronizados; enquanto os cachimbos provenientes da estrutura 26/27 (cerâmica) e de Green Spring (cerâmica e telha) se assemelham muito mais proximamente a cachimbos importados e apresentam maior uso de ferramentas especializadas (Fig. 2).

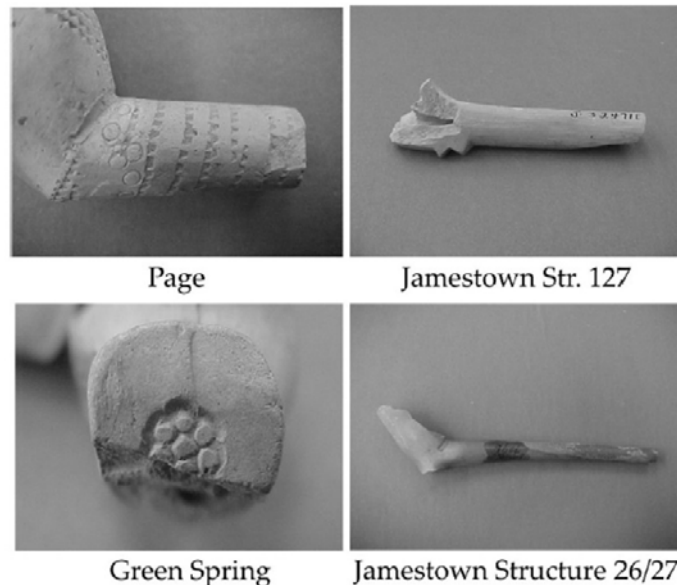


Figura 2. Os cachimbos de Page e de Jamestown / Estrutura 127 (ambos fornos de tijolos) exibiam algumas características incomuns, como marcas de ferramentas dentadas feitas em ângulo (Page, canto superior esquerdo) e pedúnculos angulares cortados à mão (Estrutura 127, canto superior direito). Os cachimbos de Green Spring e da Estrutura 26/27 parecem mais com cachimbos importados, com marcas de moldes e motivos carimbados no pedúnculo (Green Spring, inferior esquerdo), bem como pedúnculos planos e serrilhados contidos (Estrutura 26/27, canto inferior direito) (Figura da autora, 2016).

Esse contraste tem implicações para o que os arqueólogos pensam sobre a organização do trabalho no início da ocupação colonial da Virgínia. Por exemplo, como esses vários cenários de produção se encaixavam no regime de *plantation*? As características tecnológicas dos cachimbos vistos nessa pequena amostra (Figura 2) parecem indexar mais de perto o tipo de instalação de produção de cerâmica do que a estrutura das relações trabalhistas ou a localização do espaço em um ambiente agrícola *versus* semiurbano. Além disso, as condições de trabalho em cada um dos locais diferem fisicamente das formas clássicas de oficinas de cachimbo descritas em textos europeus dos séculos XVII e XVIII, um índice da organização do trabalho na fabricação de cachimbos. Embora a literatura contemporânea mencione cachimbos sendo feitos por outros artesãos (padeiros etc.) (Walker, 1977, p. 183, 251), ela dá ênfase a fabricantes de cachimbos dedicados a essa atividade, usando fornos especializados que produziam apenas cachimbos. E, claro, a produção de cachimbos, por seu próprio foco no artesanato em oposição à produção agrícola, diverge do modelo típico de produção de mercadorias na Virgínia, ampliando novamente a compreensão do trabalho na colônia.

A ênfase na indexicalidade é importante para nós como arqueólogos porque nos permite usar nossos pontos fortes. Ações, sem dúvida, têm maior visibilidade arqueológica do que ideias (Fig. 3a, b). Além disso, o significado indexical depende menos da atribuição de ações a determinada pessoa ou grupo (tão complicado nesses contextos plurais). Isso porque o interesse do pragmatista está no contexto do evento significativo e não na ideia supostamente por trás do enunciado do falante. Ao invés de explicar o padrão fazendo referência a simbolismos conforme entendidos por meio de textos ou outros testemunhos de decodificação, o arqueólogo, para chegar à ação passada, identifica o padrão e o interpreta à luz de outros dados arqueológicos, como proveniência, distribuição ou associação. Como arqueólogos históricos, temos acesso a textos, mas para evitar usá-los como muletas ou tornar-se “servas” da história, faríamos bem em explorar plenamente a gama de significados materiais disponíveis para nós em vez de nos concentrarmos tão intensamente no conteúdo simbólico de um artefato. A solução não requer que ignoremos o registro escrito, apenas que nos conscientizemos e usemos os pontos fortes do nosso conjunto de dados arqueológicos – algo que uma ênfase explícita no significado indexical facilita.

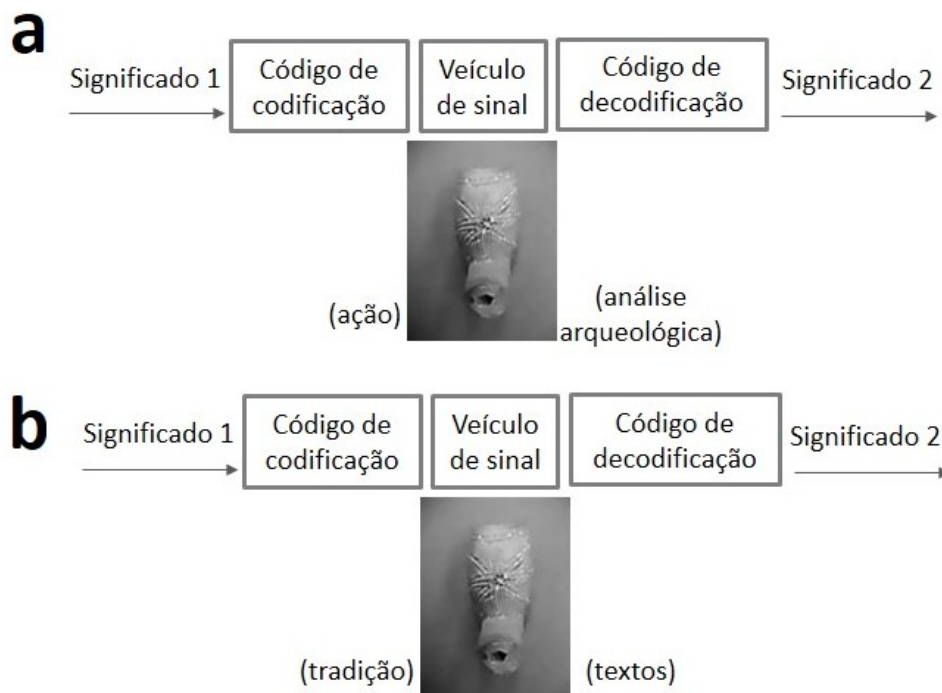


Figura 3. (a) Uma arqueologia autônoma (ou pelo menos autodirigida) usa a análise arqueológica para entender os vestígios arqueológicos de ações passadas; (b) uma arqueologia “serva” baseia-se em textos para entender o significado tradicional ou simbólico dos materiais arqueológicos (Figura da autora, 2016).

INDUÇÃO

Durante anos, nós, arqueólogos, trabalhamos com um modelo de pesquisa arqueológica científica denominado (hipotético-)dedutivo (Binford, 1968; South, 1977). Com a dedução, “a força de uma explicação deriva de sua demonstração de que o fenômeno a ser explicado é uma instância de uma regularidade normativa estabelecida que se presume ser universal e invariante (nomológica) para tais fenômenos” (Wylie, 2002, p. 72). Como não se pode confiar em noções antiquadas de artefatos como marcadores no estabelecimento de regularidades semelhantes a leis, os arqueólogos históricos muitas vezes recorrem aos textos para basear argumentos dedutivos. Essa prática parece ter a infeliz consequência de reforçar o status de serva da arqueologia. Entretanto, ao fazer dos textos a chave (o “código de decodificação”, na Fig. 3b) para a compreensão do significado da cultura material, tratamos o problema de nossos dados como um problema de tradução e não de interpretação. Em outra ocasião, eu questioneei a devoção à dedução (Agbe-Davies, 2017), em parte porque a matéria-prima para a indução – observações empíricas – é muito rica e complexa, constituindo um recurso particular da arqueologia como disciplina. Na presença de textos, a tentação é usar os artefatos e outros dados arqueológicos como ilustrações ou exemplos dentro de argumentos dedutivos baseados nesses escritos ao invés de tê-los como oportunidades para extrair indutivamente “conhecimento de evidências empíricas baseado em um *sistema de manipulação de dados dos sentidos* [ênfase adicionada]” (Samuels, 2000, p. 214), em outras palavras, um “método”. Afinal, a partir da perspectiva pragmatista, a dedução é apenas uma parte do processo científico; ver também Reid & Whittlesey (1998), Leaf (2003), Baert (2005) e Archer & Bartoy (2006). A Tabela 2 oferece um detalhamento das relações entre dedução, indução e abdução.

Tabela 2. Os processos de dedução, indução e abdução

	Processo	Relaciona-se a
Dedução	Conclusões baseadas em premissas, usando um sistema lógico	Validade (conclusões propriamente derivadas de premissas)
Indução	Conhecimento advindo da experiência baseada em um sistema de tratamento de dados obtidos pelos sentidos	Verdade putativa (descrições/explicações corretas)
Abdução	Suposições sobre as causas da coisa observada e sua revisão contínua	Conjetura e descoberta (o que realmente acontece)

Nota: As relações entre dedução, indução e abdução, conforme descrito por Warren Samuels (2000, p. 214-215): A indução e a dedução são provavelmente familiares para a maioria dos leitores. A abdução é “um método de formar uma previsão geral sem qualquer garantia positiva de que será bem-sucedida em casos gerais ou especiais; sua justificativa é a de que é a única esperança possível de regular racionalmente nossa conduta futura e que a indução a partir da experiência passada nos encoraja fortemente a esperar que isso seja bem sucedido no futuro” (Peirce, 1994^a, p. 270).

Timo Järvensivu e Jan-Åke Törnroos (Järvensivu & Törnroos, 2010, p. 102) estabeleceram um modelo de pesquisa de estudo de caso que eles caracterizam como geralmente abduativos, mas que apresenta fases em que o raciocínio dedutivo, indutivo e abduativo são dominantes (Fig. 4). John Sowa (2006, p. 78-79) descreveu um “ciclo de pragmatismo” no qual a pessoa está em movimento contínuo através de estágios de indução, abdução, dedução e ação (Fig. 5). Peirce, que pensava em tríades ao invés de ciclos, afirmou que:

Deduction proceeds from Rule and Case to Result; it is the formula of Volition. Induction proceeds from Case and Result to Rule; it is the formula of the formation of a habit or general conception – a process which, psychologically as well as logically, depends on the repetition of instances or sensations. Hypothesis [i.e., abduction] proceeds from Rule and Result to Case; it is the formula of the acquirement of secondary sensation – a process by which a confused concatenation of predicates is brought into order under a synthetizing predicate. (Peirce, 1994c, p. 712).

As relações que Peirce descreve são ilustradas na Fig. 6. Como mostram cada um dos modelos apresentados nas Figs. 4, 5 e 6, a indução por si só é insuficiente, mas a dedução por si só também o é. Defendo uma atenção renovada a esses outros processos de produção de conhecimento, agora fantasmas de antigas versões de si próprios.

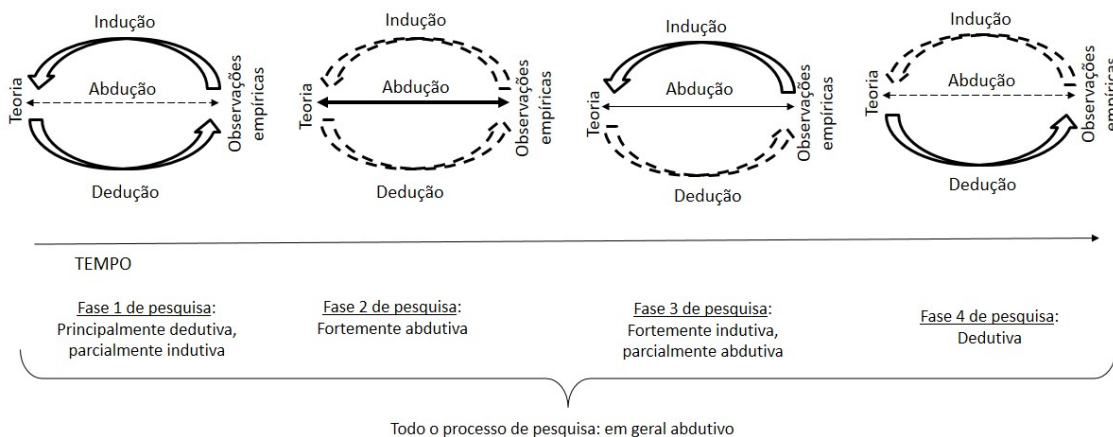


Figura 4. Cada um dos três aspectos do pensamento científico discutidos no texto – dedução, indução e abdução – é uma contribuição necessária para a produção do conhecimento. Cada um, no entanto, predomina em um momento diferente do processo. O processo como um todo é abduativo, visando aumentar a compreensão do que realmente está acontecendo (Figura de Järvensivu & Törnroos [2010, figura 3] adaptada pela autora, 2016).

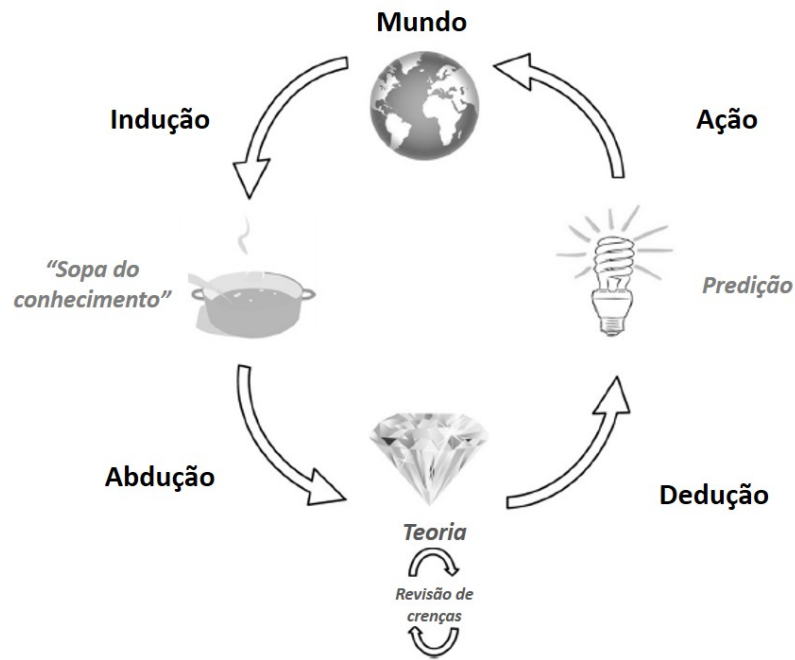


Figura 5. O conhecimento vem do mundo, mas a ciência, no seu melhor, fornece informações com as quais as pessoas podem agir no mundo. Essa figura ilustra a natureza contínua da busca do entendimento como “O Ciclo do Pragmatismo” (Figura de Sowa [2006, figura 5] adaptada pela autora, 2016).

Como poderia ser uma arqueologia que englobe mais do que uma única forma de investigação? Além de usar o conhecimento para criar modelos que dão sentido às observações, nós arqueólogos estaríamos usando observações para gerar conhecimento (Tabela 2) (Fig. 6).

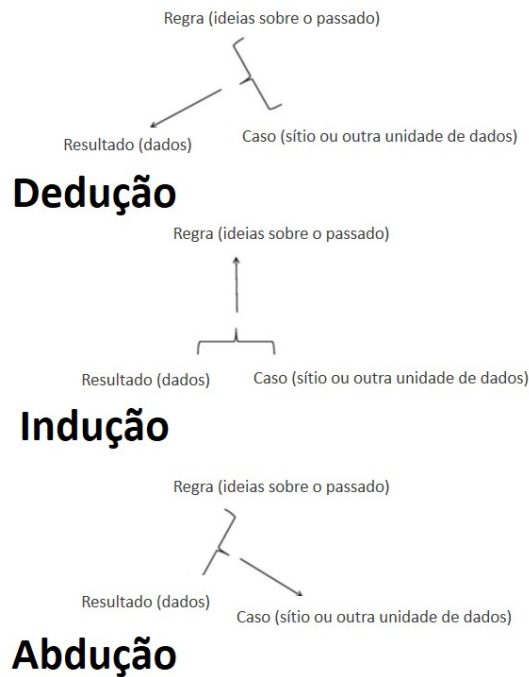


Figura 6. Cada um dos três aspectos do pensamento científico envolve relações entre regras, resultados e casos. O que difere é a natureza da relação (Figura da autora, 2016).

Um argumento dedutivo sobre cachimbos de barro feitos em Chesapeake poderia ser usado para gerar uma previsão sobre a distribuição de estilos de cachimbos de barro:

- Regra: Objetos feitos por fabricantes socialmente conectados compartilham características observáveis.
- Caso: A Virgínia do século XVII era uma colônia plural, com fabricantes se baseando potencialmente em várias tradições.
- Resultado: Portanto, os cachimbos exibirão uma mistura de atributos, talvez em novas combinações.

Presa a uma estrutura dedutiva, a arqueologia é, na melhor das hipóteses, capaz de apenas confirmar o que já sabemos, com base em pesquisas anteriores, sobre as relações sociais e econômicas na Virgínia do século XVII. E quando surgem evidências em contrário, dificilmente são suficientes para transformar nosso pensamento sobre a vida no início da colônia. Somos duramente pressionados a contribuir com novos conhecimentos sobre os fatos da pluralidade e da desigualdade nesse contexto.

Então, como seria um argumento indutivo? As técnicas que permitem aos arqueólogos produzir conhecimento por meio de um sistema de manipulação de dados sensoriais incluem a análise modal – a análise sequencial traço-por-traço de atributos não métricos (Agbe-Davies, 2015, p. 54-67). Essa técnica facilita a comparação da frequência de atributos intrasítio e entre sítios, bem como comparações entre categorias de sítios (urbano *versus* rural, sítios agrupados por proximidade e sítios pertencentes a elites aliadas e antagônicas). Os resultados mostraram que os fabricantes de cachimbos não estavam restritos a Jamestown, centro comercial e administrativo da colônia, nem às plantações, onde o fumo era produzido para exportação e também para uso local extensivo. Juntamente com atributos métricos, os dados revelaram produção especializada e padronização, mas não uniformidade dentro dos sítios:

- Caso: Cachimbos apresentam evidências (métricas e não métricas) de padronização e de produção especializada.
- Resultado: Os atributos que podem distinguir fabricantes específicos são encontrados em vários sítios.
- Regra: Cachimbos feitos localmente foram negociados nas primeiras plantações e cidades coloniais.

Finalmente, embora as elites proprietárias de mão-de-obra controlassem o comércio de outros produtos manufaturados e mercadorias, a distribuição de cachimbos não refletia suas alianças sociais e econômicas. Considerada dedutivamente, minha hipótese inicial foi refutada. Trabalhando indutivamente, os arqueólogos podem demonstrar *como* um sistema de trabalho forçado era feito diariamente e também descrever os mecanismos de sua reprodução e subversão, preparando o cenário para a conjectura e descoberta abduativas.

O argumento abduativo está posicionado para realmente *fazer* alguma coisa; ele muda as ideias sobre o trabalho na colônia. Torna-se o próximo elo na cadeia de significação:

- Regra: A hierarquia é mantida através da dominação de categorias subordinadas de pessoas.
- Resultado: A produção de cachimbos era controlada (e os cachimbos locais eram fumados) por pessoas subordinadas na região colonial de Chesapeake.

- Caso: Considere se o fim da tradição local de cachimbos se deve às maneiras pelas quais os cachimbos indexavam a independência de fabricantes e fumantes.

O que esta análise faz é reformular a compreensão “do que [estava] realmente acontecendo” (Samuels, 2000, p. 217) na Virgínia, à medida que a servidão contratada estava sendo substituída pela escravização. Em vez de explicar o fim da tradição local de cachimbos a partir do declínio da relevância dos sistemas de símbolos não ingleses ou pelo aumento da segregação entre diferentes categorias de trabalhadores, agora há novas hipóteses a serem testadas. Independentemente da fonte ou conteúdo do estilo que carregam, os cachimbos significavam poder.

Assim, os três processos juntos (dedução, indução e abdução) levam o conhecimento adiante. A questão não é banir o raciocínio dedutivo, mas construir os outros dois, especialmente porque a indução – sendo tão fortemente empírica – aposta nos nossos pontos fortes como arqueólogos. Comentando sobre a dependência mútua desses três modos de pensamento, Sowa (2006, p. 80) escreve: “Mesmo quando a lógica é usada, os métodos de indução e abdução [no ciclo do pragmatismo] são necessários para aprender novos conhecimentos e organizá-los em teorias sistemáticas necessárias para a dedução”. E, em vez de parar no primeiro círculo de Järvensivu & Törnroos (Fig. 5), a disciplina pode avançar. Como Sowa (2006, p. 80) também diz, invocando Peirce: “Os significados crescem à medida que novas informações são recebidas, novas implicações são derivadas e novas ações se tornam possíveis”. Então, finalmente, leitores, nós nos voltamos para a ação.

CONSEQUÊNCIAS E UMA CONCLUSÃO

“Pragmatismo”, coloquialmente, significa uma abordagem prática dos problemas. De maneira similar, em termos formais, significa que as consequências são a medida final de uma coisa (Peirce, 1994b). Existem vários tipos de consequências. Nós arqueólogos podemos nos perguntar, em várias etapas do processo de produção do conhecimento, as questões colocadas pelos filósofos pragmatistas. Qual deve ser a nossa próxima *expectativa* (Peirce)? Em que devemos *acreditar* (James)? O que devemos *fazer* (John Dewey)? (Agbe-Davies, 2016).

Com uma nova orientação de método, percebi que, ao contrário de outras indústrias ou *commodities*, as elites não pareciam controlar a produção e a distribuição de cachimbos. Essa interpretação advém dos dados arqueológicos – a análise não hierárquica e iterativa da cultura material em contexto(s). Além disso, a interpretação revela algo novo sobre o poder na colônia. Aqui, o significado está localizado não nas qualidades essenciais da cultura material ou das pessoas ou em contextos puros, mas nas observações dos traços de pessoas trabalhando no mundo, tentando fazer algo, tentando, de fato, resolver seus *próprios* problemas. Nós, arqueólogos, poderíamos esperar que a tradição local do cachimbo de barro se transformasse à medida que a influência das elites se consolidasse, que as elites tentassem ganhar o controle da indústria ou, ao contrário, extingui-la. Podemos acreditar que, pelo menos por um tempo, esses cachimbos não eram de conhecimento da elite. Poderíamos então procurar outras áreas da sociedade e da economia, para além do olhar da elite, e testemunhar os limites da dominação em nosso próprio tempo profundamente desigual. Mais uma vez, estes são caminhos possíveis para pesquisas adicionais. Eles se tornam premissas para novos argumentos sobre trabalho, pluralidade e raça, e sua relação com o poder.

A arqueologia tem um arsenal completo de conceitos teóricos e técnicas que Kluckhohn e Taylor (Taylor, 1983, p. 8) não poderiam ter imaginado. O que o pragmatismo faz, ao meu ver, é costurar a teoria e a técnica de uma maneira que destaca o que é verdadeiramente arqueológico na arqueologia da escravidão. O problema não é a maneira pela qual nós, arqueólogos, pensamos que as pessoas são (nossa teoria), nem como manipulamos a cultura material/dados (nossa técnica), mas a nossa compreensão do que a arqueologia é/pode ser (nosso método) às vezes nos prende: o que entendemos como dados e como os usamos. As ideias neste artigo não são novas, mas acho que merecem ser repetidas.

O pragmatismo era uma filosofia atraente para homens como W.E.B. DuBois, Alain Locke e Ralph W. Ellison, não porque fosse bonito ou verdadeiro, mas porque lhes permitia fazer coisas no mundo: entender a sociedade em que viviam e as forças que a moldavam; informar a opinião pública e a política; e orientar sua participação no corpo político (West, 1989; Muller, 1992; Harris, 1999). Se esperamos que a arqueologia faça diferença, como aqueles homens esperavam da sociologia, das belas artes e da literatura, nós precisamos contribuir com novos conhecimentos de forma única à arqueologia. Viver com esses cachimbos por mais anos do que eu gostaria de contabilizar me mostrou que esses artefatos foram feitos e usados sob o nariz da elite. No entanto, esses cachimbos escaparam do que era, em outras situações, uma exploração bastante eficiente por parte da elite sobre seus contemporâneos. A análise de artefatos gerou então um projeto relacionado: tentar descobrir o quão realmente asseguradas a elite mantinha as categorias raciais e trabalhistas emergentes (Agbe-Davies, 2015). As respostas para essa questão são importantes para refletirmos sobre poder, trabalho escravo e, sim, raça na Virgínia.

AGRADECIMENTOS

A pesquisa na qual este artigo se baseia foi apoiada pela Colonial Williamsburg Foundation, pelo National Park Service e Organization of American Historians, pela Ford Foundation e pelo Committee of Faculty Research and Study Leaves, da[?] University of North Carolina em Chapel Hill. Agradeço a um revisor anônimo, bem como a Nori Comello, Kurt Jordan, Christian Lentz, Bradley Phillippi, Eliza Richards e Michael Roller. Seus comentários e conselhos tornaram muito mais forte este artigo.

REFERÊNCIAS

- Agbe-Davies, A. S. (2004). *Up in Smoke: Pipe Production, Smoking, and Bacon's Rebellion*. Tese de doutorado, Department of Anthropology, University of Pennsylvania, Philadelphia. University Microfilms International, Ann Arbor, MI.
- Agbe-Davies, A. S. (2010). Social Aspects of the Tobacco Pipe Trade in Early Colonial Virginia. In Bauer, Alexander A. e Agbe-Davies, Anna (eds.). *Social Archaeologies of Trade and Exchange: Exploring Relationships among People, Places, and Things*, pp. 69–98. Left Coast Press, Walnut Creek, CA.

- Agbe-Davies, A. S. (2015). *Tobacco, Pipes, and Race in Colonial Virginia: Little Tubes of Mighty Power*. Left Coast Press, Walnut Creek, CA.
- Agbe-Davies, A. S. (2016). How to Do Things with Things, or, Are Blue Beads Good to Think? *Semiotic Review*, No. 4: *Im/materialities* <<https://www.semioticreview.com/ojs/index.php/sr/article/view/12/13>>. Accessed 15 November 2017.
- Agbe-Davies, A. S. (2017). Where Tradition and Pragmatism Meet: African Diaspora Archaeology at the Crossroads. *Historical Archaeology*, 51(1):9–27.
- Alvey, R. C.; Laxton, R. R.; Paechter, G. F. (1985). Statistical Analysis of Some Nottingham Clay Tobacco Pipes. In Davey, Peter (ed.). *The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe*, pp. 229–252. British Archaeological Reports, British Series 63. Oxford, UK.
- Archer, S. N. & Bartoy, K. M. (2006). Introduction: Considering Methods and Methodology in Historical Archaeology. In Archer, Stephen e Bartoy, Kevin (ed.). *Dirt and Discussion: Methods, Methodology, and Interpretation in Historical Archaeology*, pp. 1–9. Springer, Nova Iorque, NY.
- Austin, J. L. (1962). *How to Do Things with Words*. Oxford University Press, Nova Iorque, NY.
- Baert, P. (2005). *Philosophy of the Social Sciences: Towards Pragmatism*. Polity Press, Cambridge, UK.
- Barth, F. (1969). Introduction. In Barth, Fredrik (ed.) *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Cultural Differences*, pp. 9–38. Allen & Unwin, Londres, UK.
- Bauer, A. A. (2014). Semiotics in Archaeological Theory. In Smith, Claire (ed.), *Encyclopedia of Global Archaeology*, pp. 6564–6570. Springer, Nova Iorque, NY.
- Binford, L. R. (1968). Archaeological Perspectives. In Binford, Sally e Binford, Lewis (ed.), *New Perspectives in Archaeology*, pp. 5–32. Aldine Publishing Company, Nova Iorque, NY.
- Bollwerk, E. A. (2012). *Seeing What Smoking Pipes Signal: An Examination of Late Woodland and Early Contact Period (A.D. 900–1665) Native Social Dynamics in the Middle Atlantic*. Tese de doutorado, Department of Anthropology, University of Virginia, Charlottesville. University Microfilms International, Ann Arbor, MI.
- California Newsreel (2003). *Race: the Power of an Illusion*. Larry Adelman, executive producer, DVD. California Newsreel, San Francisco.
- Cruz, M. D. (2011) "Pots Are Pots, not People:" Material Culture and Ethnic Identity in the Banda Area (Ghana), Nineteenth and Twentieth Centuries. *Azania: Archaeological Research in Africa*, 46(3):336–357.
- Dorman, J. F. (ed.) (1976). *York County, Virginia Deeds, Orders, Wills, etc., Vol. 9*. Dorman, Washington, DC.
- Edwards, Y. (1995). "Africanism" and African American Archaeology. *Reflections* 1(2):16–19.
- Eerkens, J. W. & Bettinger, R. L. (2001). Techniques for Assessing Standardization in Artifact Assemblages: Can We Scale Material Variability? *American Antiquity*, 66(3):493–504.
- Emerson, M. C. (1988). *Decorated Clay Tobacco Pipes from the Chesapeake*. Tese de doutorado, Department of Anthropology, University of California at Berkeley, Berkeley. University Microfilms International, Ann Arbor, MI.
- Emerson, M. C. (1999). African Inspirations in a New World Art and Artifact: Decorated Tobacco Pipes from the Chesapeake. In Singleton, Theresa A. (ed.). *"I, Too, Am America": Studies in African-American Archaeology*, pp. 47–74. University Press of Virginia, Charlottesville.
- Gaffney, V. L., & Gaffney, C. (ed.) (1987) *Pragmatic Archaeology: Theory in Crisis?* British Archaeological Reports, British Series 167. Oxford, UK.
- Harrington, J. C. (1951). Tobacco Pipes from Jamestown. *Quarterly Bulletin of the Archaeological Society of Virginia*, 5(4):n.p.

- Harris, L. (ed.) (1999). *The Critical Pragmatism of Alain Locke*. Rowman & Littlefield, Lanham, MD.
- Henry, S. L. (1979). Terra-Cotta Tobacco Pipes in 17th-Century Maryland and Virginia: A Preliminary Study. *Historical Archaeology*, 13:14–37.
- James, W. (1907) *Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking*. Harvard University Press, Cambridge, MA.
- Järvensivu, T. & Törnroos, J. (2010). Case Study Research with Moderate Constructionism: Conceptualization and Practical Illustration. *Industrial Marketing Management*, 39:100–108.
- Jeppson, P. L. (2001). Pitfalls, Pratfalls, and Pragmatism in Public Archaeology. Paper presented at the 34th Annual Conference on Historical and Underwater Archaeology, Long Beach, CA. Patrice L. Jeppson <<http://www.p-j.net/pjeppson/SHA2001/Papers/Jeppson.htm>>. Accessed 30 November 2012.
- Kluckhohn, C. (1940). The Conceptual Structure in Middle American Studies. In Valliant, George et al. (eds.) *The Maya and Their Neighbors*, pp. 41–51. D. Appleton-Century, Nova Iorque, NY.
- Kopytoff, I. (1986) The Cultural Biography of Things: Commoditization as Process. In Appadurai, Arjun (ed.). *The Social Life of Things*, pp. 64–91. Cambridge University Press, Cambridge, UK.
- Leaf, M. J. (2003). Ethnography and Pragmatism. In Morales, A. (ed.). *Renasant Pragmatism: Studies in Law and Social Science*, pp. 92–117. Ashgate, Aldershot, UK.
- Leone, M. P. (2005). *The Archaeology of Liberty in an American Capital: Excavations in Annapolis*. University of California Press, Berkeley.
- Lightfoot, K. (2015). Dynamics of Change in Multiethnic Societies: An Archaeological Perspective from Colonial North America. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 112:9216–9223.
- Luckenbach, A.; Cox, J.; Kille, J. (eds.) (2002) The Clay Tobacco-Pipe in Anne Arundel County, Maryland (1650–1730). *Anne Arundel County's Lost Towns Project*, Annapolis, MD.
- MacCord, H. A. (1969) Camden: A Postcontact Indian Site in Caroline County. *Quarterly Bulletin of the Archeological Society of Virginia*, 24(1):1–55.
- Magoon, D. T. (1999). "Chesapeake" Pipes and Uncritical Assumptions: A View from Northeastern North Carolina. *North Carolina Archaeology*, 48:107–126.
- McCartney, M. & Walsh, L. (2000). *A Study of the Africans and African Americans on Jamestown Island and at Green Spring, 1619–1803*. Colonial Williamsburg Foundation, Williamsburg, VA.
- McCrery, P. (1968). Two Pipes from Prince George County, Virginia. *Quarterly Bulletin of the Archeological Society of Virginia*, 23(1):37–38.
- McDavid, C. (2002). Archaeologies that Hurt; Descendants that Matter: A Pragmatic Approach to Collaboration in the Public Interpretation of African-American Archaeology. *World Archaeology*, 34(2):303–314.
- McDavid, C. (2007). Beyond Strategy and Good Intentions: Archaeology, Race, and White Privilege. In Little, Barbara e Shackel, Paul (ed.). *Archaeology as a Tool of Civic Engagement*, pp. 67–88. Alta Mira Press, Lanham, MD.
- Monroe, J. C. (2002). Negotiating African-American Ethnicity in the 17th-Century Chesapeake. In Davey, Peter (ed.). *The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe XVI*. British Archaeological Reports, International Series 1042. Archaeopress, Oxford, UK.
- Mouer, D. et al. (1999). Colonoware Pottery, Chesapeake Pipes, and “Uncritical Assumptions.” In Singleton, Theresa (ed.). *“I, Too, Am America”: Studies in African-American Archaeology*, pp. 75–115. University Press of Virginia, Charlottesville.

- Mrozowski, S. A. (2012). Pragmatism and the Relevancy of Archaeology for Contemporary Society. In Rockman, M. e Flatman, J. (ed.). *Archaeology in Society: Its Relevance in the Modern World*, pp. 239–243. Springer, Nova Iorque, NY.
- Muller, N. L. (1992). DuBoisian Pragmatism and ‘The Problem of the Twentieth Century.’ *Critique of Anthropology*, 12(3):319–337.
- Neiman, F. & King, J. (1999). Who Smoked Chesapeake Pipes? Paper presented at the 32nd *Annual Conference on Historical and Underwater Archaeology*, Salt Lake City, UT.
- Nugent, N. M. (1934). *Cavaliers and Pioneers: Abstracts of Virginia Land Patents and Grants 1623–1800*. Dietz Printing Co., Richmond, VA.
- Peirce, C. S. (1994a). Division of Signs. In *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, Vol. 2, Book 2, Chapter 2. Past Masters: Full Text Humanities <<http://www.nlx.com/home>>. Accessed 17 February 2011.
- Peirce, C. S. (1994b). How to Make Our Ideas Clear. In *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, Vol. 5, Book 2, Chapter 5. Past Masters: Full Text Humanities <<http://www.nlx.com/home>>. Accessed 17 February 2011.
- Peirce, C. S. (1994c). A Theory of Probably Inference. In *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, Vol. 2, Book 3, Chapter 8. Past Masters: Full Text Humanities <<http://www.nlx.com/home>>. Accessed 17 February 2011.
- Peirce, C. S. (1994d). What Pragmatism Is. In *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, Vol. 5 Book 2, Chapter 6. Past Masters: Full Text Humanities <<http://www.nlx.com/home>>. Accessed 17 February 2011.
- Peirce, C. S. (1994e). Letter to William James 7 March 1904. In *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, Vol. 8, Book 2, Chapter 5. Past Masters: Full Text Humanities <<http://www.nlx.com/home>>. Accessed 17 February 2011.
- Preucel, R. W. (2006). *Archaeological Semiotics*. Blackwell, Malden, MA.
- Preucel, R. W. & Mrozowski, S. A. (2010). The New Pragmatism. In Preucel, Robert W., e Mrozowski, Stephen A. (eds.). *Contemporary Archaeology in Theory: The New Pragmatism*, pp. 3–49. Wiley-Blackwell, Chichester, UK.
- Reid, J. J. & Whittlesey, S. M. (1998). A Search for the Philosophical Julian: American Pragmatism and Southwestern Archaeology. *Kiva*, 64(2):275–286.
- Rouse, I. (1939) Prehistory in Haiti: A Study in Method. Yale University *Publications in Anthropology*, Vol. 21. New Haven, CT.
- Rouse, I. (1971). The Classification of Artifacts in Archaeology. In Deetz James (ed.). *Man's Imprint from the Past: Readings in the Methods of Archaeology*, pp. 108–125. Little, Brown & Company, Boston, MA.
- Sackett, J. R. (1990). Style and Ethnicity in Archaeology: The Case for Isochrestism. In Conkey, Margaret e Hastorf, Christine (eds.). *The Uses of Style in Archaeology*, pp. 32–43. Cambridge University Press, Cambridge, UK.
- Saitta, D. J. (2003). Archaeology and the Problems of Men. In VanPool, Todd e VanPool, Christine (eds.). *Essential Tensions in Archaeological Method and Theory*, pp. 11–15. University of Utah Press, Salt Lake City.
- Samuels, W. J. (2000). Signs, Pragmatism, and Abduction: The Tragedy, Irony, and Promise of Charles Sanders Peirce. *Journal of Economic Issues*, 34(1):207–217.
- Sikes, K. (2008). Stars as Social Space? Contextualising Chesapeake Star-Motif Pipes. *Post-Medieval Archaeology*, 42(1):75–103.
- Singleton, T. & Bograd, M. D. (1995). *The Archaeology of the African Diaspora in the Americas*. Michael, Ronald (ed.). Guides to the Archaeological Literature of the Immigrant Experience in America, Number 2, Braun-Brumfield, Ann Arbor, MI.

- South, S. (1977). *Method and Theory in Historical Archeology*. Academic Press, Nova Iorque, NY.
- Sowa, J. (2006). The Challenge of Knowledge Soup. In Ramadas, Jayashree e Chunawala, Sugra (eds.). *Research Trends in Science, Technology and Mathematics Education*, pp. 55–90. Homi Bhabha Centre for Science Education, Tata Institute of Fundamental Research, Mumbai, India.
- Taylor, W. (1983). *A Study of Archeology*, 3rd edition. Center for Archaeological Investigations, Carbondale, IL.
- Walker, I. (1977). *Clay Tobacco Pipes, with Particular Reference to the Bristol Industry*, 4 vols. Parks Canada, Ottawa, ON.
- West, C. (1989). *The American Evasion of Philosophy: A Genealogy of Pragmatism*. University of Wisconsin Press, Madison.
- Wobst, H. M. (1977). Stylistic Behavior and Information Exchange. In Cleland, Charles (ed.). *For the Director: Research Essays in Honor of James B. Griffin*, pp 317–342. University of Michigan, Museum of Anthropology, Ann Arbor.
- Wylie, A. (2002). The Conceptual Core of the New Archaeology. In *Thinking from Things: Essays in the Philosophy of Archaeology*, pp. 57–77. University of California, Berkeley.
- York County Deeds, Orders, Wills (1633–1815). *York County Deeds, Orders, Wills*. York County Records Project, Colonial Williamsburg Foundation, Williamsburg, VA.